[Title Page]

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA N.º 4 JULHO DE 1959

AGRICULTURA DOS INDIOS MUNDURUKU *

Protásio Frikel
Museu Goeldi

I. CONHECIMENTOS ATUAIS SÔBRE A AGRICULTURA DOS MUNDURUKU
II. A "TECNICA DA ROÇA"
III. FATORES SOCIAIS
IV. TERMINOLOGIA INDIGENA

I. CONHECIMENTOS ATUAIS SÔBRE A AGRICULTURA DOS MUNDURUKU

O que sabemos sôbre a agricultura dos Mundurukú, é pouco, e baseia-se, em sua maior parte, nas relações dos viajantes do século passado. Já naquêle tempo, os Mundurukú, eram apresentados como um povo possuindo um certo grau de agricultura primitiva. Esses falam dos Mundurukú, como habitantes das margens do rio Tapajós e já num primeiro estágio de aculturação ao ambiente dessa época. Tratam do assunto "agricultura" como se fôsse um elemento cultural antigo entre êstes índios. E talvez tenha sido mesmo assim, pois não poderemos afirmar o contrário.

(*) A maior parte das notas que seguem, foram colhidas em 1957, durante uma estada de dois meses entre os índios da Missão Franciscana do Cururú e das vizinhanças. Meus informantes principais foram os Missionários Frei. Clélio e Aurélio. Mas também aos Padres da Missão devo valiosa apresentação de valor, pelo que lhes fico grato.

Brazil
No.10
P21
d

[R.1]

embora certas tradições mito-heróicas dos Mundurukú deixem transparecer que nem sempre eles foram um povo habituado ao cultivo de plantas. Isto, porém, em passado remoto, não mais controlável por nós de hoje. Em tempos históricos, desde que entraram em contacto com os civilizados e se tornaram conhecidos, vêmo-los cultivar roças e fazer farinha. É certo que os Mundurukú foram mais famosos como guerreiros, pois dada a ocasião, não hesitaram em atacar até cidades como Santarém (1780) e Gurupá (1794). (1)

Mas na medida que o domínio colonial se firmou, e diminuíram as atividades guerreiras, parece ter aumentado a tendência desses índios para uma vida mais estável e para uma agricultura mais extensa e diversa. Nesse sentido, creio, devem ser entendidos os textos que encontramos. Embora não de todo acordes, os escritores viajantes deixam entrever um desenvolvimento nas técnicas de cultivo desses índios.

Martius, falando de um modo geral das tribus Tupí do alto Tapajós, incluindo os Mundurukú, considera-os, justamente por causa destes princípios de agricultura, como sendo semi-selvagens. Diz êle: "Dedicam-se a uma primitiva agricultura e, por isso, em sentido próprio, não são nômades; as suas malocas todavia, não foram invariáveis no mesmo lugar" (2). Monteiro Baena testemunha que, inicialmente, nos anos depois da pacificação dos Mundurukú, a sua tendência para a agricultura não foi muito grande como informa. Referindo-se aos "Mundrucús" descidos e aldeiados no rio Maué-assu e na posterior Missão de Vila Nova da Rainha, em 1800 e 1803, respectivamente, conta que êles... "exhibiam pouca inclinação a fabricarem roças de farinha" (3).

Martius, posteriormente, dando notícias mais extensas sôbre os Mundurukú, não fala do cultivo qualitativo, refere-se apenas à produção quantitativa das roças, isto é: indica o grande volume de farinha produzida pelos Mundurukú do Tapajós, mas

1) — Martius, 1940:273-275.

2) — "Sie treiben einen unbedeutenden Landbau, sind daher im strengen Sinne keine Nomaden; doch bleiben ihre Niederlassungen nicht immer ausschließlich an derselben Stelle". Martius, 1867:281.

3) — Monteiro Baena, 1969:281

desconhece ou pelo menos não menciona as variedades das plantas cultivadas por êles, embora sem dúvida também cultivado mais do que o algodão e a mandioca citados. Atribui êle êste desenvolvimento quantitativo ao poder ou à fôrça guerreira da tribo que, por meio dela, protegia as suas lavouras contra ataques, roubos ou devastações frequentemente realizadas por outras tribos, especialmente os Mura. Martius diz assim: "Nas artes da agricultura, os Mundurucú aliomde parecem estar desenvolvidos em comparação aos outros, enquanto o poder da numerosa e belicosa tribo (....) dá mais segurança às plantações e porque a população, um tanto densa, não pode mais ficar dependendo inteiramente de caça e pesca. Plantam um pouco de algodão e muita mandioca, cuja farinha, empacotada em cestos e folhas largas de palmeiras....., costumam vender aos navegantes do Tapajós, desde que entraram em contácto pacífico." (4)

> (Caberia de intercalar aqui a pergunta: conhecia Martius tradições a respeito de uma era pré-agrícola dos Mundurukú? Parece, pois escreve no texto acima citado: "... a população, um tanto densa não pode mais ficar dependendo inteiramente da caça e da pesca."; o que pode dar a conhecer um estado anterior dos Mundurukú como caçadores e coletores mas não horticultores.)

Ainda da mesma época, mais ou menos, temos o testemunho de Bates que em vários lugares de seu livro, embora muito à margem, fala dos Mundurukú como agricultores e bons trabalhadores; aponta a fertilidade da terra e o relativamente pouco esfôrço que o índio tem de empregar para produzir o necessário

---

4) — Martius, 1867:399 "In den Kenntnissen der Landbaus scheinen die Mundurukú vor anderen vorzugsweise, als die Macht des zahlreichen und kriegerischen Stammes, [illegible] Pflanzungen mehr Sicherheit verleiht, und die etwas gedrängtere Bevölkerung nicht mehr blos von Jagd und Fischerei abhängig sein kann. Sie bauen etwas Baumwolle und viel Manihoca-Wurzel, deren Mehl, in Körbe und breite Blätter von Palmen... verpackt, sie an die Schiffer im Tapajós zu verhandeln pflegen, seitdem sie in friedlichen Verkehr getreten sind...".

para a vida; conta de grandes roças dos Munduruká que vio no Caparí e como as mulheres fabricam farinha; relata que os Munduruká mantêm um certo comércio de farinha com os regatões do Tapajós e mencionou, afinal, que além de mandióca plantam macachéira, batata doce e cana. (5)

Do século atual quase não temos textos sôbre os Munduruká. A Missão Franciscana ainda não publicou sua documentação sôbre êstes índios e o trabalho de R. Murphy que também pairou anos de 1955-1956, estudou uma tribo, com exceção de alguns ensaios, ainda não nos chegou às mãos. Assim, os nossos conhecimentos baseiam-se, principalmente, sôbre as escassas notícias dos autores acima citados. Só Gonçalves Tocantins parece ter dado mais algumas referências a respeito da agricultura dos Munduruká. Mas a sua obra, no momento, não está ao meu alcance.

O Handbook of South American Indians resume o assunto nestas poucas linhas: "Os Munduruká vivem em parte da lavoura, em parte de caça, pesca e coleta. A lista de Tocantins (1877) a respeito das plantas cultivadas por êles, inclue duas espécies de mandióca, batata doce, arazaz, cana, várias pimentas, feijão e algumas espécies de bananas. Outros autores mencionam algodão, tabaco e guaipapo. Tocantins enumera perto de trinta plantas não-cultivadas, mas utilizadas na economia Munduruká" (6).

E é isso tudo o, mais ou menos, o que se sabe sôbre a agricultura dêsses índios. O presente artigo, portanto, quer ser tentativa de uma ampliação dêstes conhecimentos, embora o autor bem saiba que em muitos pontos e especialmente quanto à técnica de fazer as plantações a sistema Munduruká não difere grandemente do dos outros tribos da região, ou da Amazônia em

---

5) — Baena, 1968, in passim.

6) — Steward, 1948:277 — "The Mundurucu subsist partly on horticulture and partly on hunting, fishing and gathering. Tocantins' (1877) list of plants cultivated by them includes two species of manioc, sweet potato, pineapple, arrowroot, various peppers and beans, and several species of bananas. Other authors mention cotton, tobacco, and guaipa. Tocantins names some 30 uncultivated plants utilized in Mundurucu economy".

geral. A experiência prática no assunto ensina que a agricultura entre os índios das selvas da Amazônia permite ligeiras variantes, mas não diferenças essenciais.

B. A "TECNICA DA ROÇA"

Considerando a agricultura entre os índios Munduruká como um complexo da sua cultura, notam-se sem dificuldades, dois elementos distintos. O primeiro é o elemento puramente material, manual ou técnico, do qual falaremos nesta parte. O segundo é constituído por vários fatores sociais que determinam a agricultura não como trabalho ou fator morto, sem influência, ou como um complexo isolado dentro da tribo, e sim, como algo que faz parte integrante da vida tribal, algo do qual depende, hoje em dia, o bem-estar da comunidade e da família. Nêste sentido, a própria agricultura torna-se um fator social da vida indígena. (7)

Todo o processo dos trabalhos agrícolas indígenas, notadamente a aplicação e execução do que poderíamos chamar de "técnica da roça", está baseado em normas fixas, tradicionais, as quais, por sua vez, são determinadas pelos dados impostos pela natureza como clima, época, acidentes do terreno, etc., e também pelo seguimento lógico dos próprios serviços agrícolas

7) — Seja dado ainda a noção ao o último que o índio, faz do conceito "roça" (ba). Para êle "roça" é, essencialmente, a plantação de mandioca, ou em sentido mais geral, de tuberculos, como a macaxeira, o cará, o batata doce, o taió, etc. Êste conceito quase restrito, destina-se primordialmente, dos terrenos quando os tuberculos, e principalmente a mandioca, crescem as demais plantas cultivadas. Hoje, naturalmente, o Munduruká dispõe de muito maior número de vegetais cultivados que plantá no mesmo roça do seguinte. Falando dêstes produtos, êle mesmo ou mais das vêzes, amplia o conceito de "roça" por expressões que, ao menos comum entendes, acham demasiadamente, (como por exemplo: "o pedaço que tenho na minha roça de mandioca", etc. Tendo êste plantações de produtos que não são tuberculos, por exemplo: só do milho, fio, de amendoim, explica o conceito, falando em "roça de milho" ou plantação de milho, etc. Mas "roça", como idioma absoluto e em sentido próprio, para êle, exclusivamente, é a roça de mandioca. Vêrse a dupla designação da roça por parte do homem e da mulher falaremos ao tratar dos fatores sociais.

que muito bem cabem dentro do seguinte esquema de desenvolvimento técnico de uma roça:

1. Escolher o terreno e a qualidade da terra.
2. Determinar o tamanho e a forma do novo roçado.
3. Brocar o terreno.
4. Derrubar a mata.
5. Queimar a derrubada.
6. Escoivarar e queimar a coivara.
7. Cavar e plantar.
8. Primeira e segunda limpeza do roçado.
9. "Desmanchar" o roçado (arrancar a mandioca, colher a safra).
10. Replantar a roça.

Vejamos agora êstes trabalhos, ponto por ponto.

1. Escolha do Tamanho e da Terra — O índio é, por natureza, um homem prático. Pensando em fazer roça, naturalmente, olha para as circunstâncias que mais lhe podem facilitar o trabalho ou garantir-lhe um seguro crescimento da plantação. Por isso escolhe as terras que mais lhe favoreçam a lavoura, pois nem todos os lugares são adequados para a roça. De preferência faz sua plantação em terreno levemente inclinado ou em ladeira suave para que a água das chuvas e das enxurradas possa escoar logo. Terras planas aceita somente quando o terreno é um tanto arenoso, permitindo que a água das chuvas vase para o subsolo e não fique estagnada na roça. Esta última razão é ao mesmo tempo o motivo, porque não faz roças em baixadas úmidas: as ramas, os tubérculos apodreceriam. Além disso, olha ainda se não existem saúvas ou insetos daninhos no terreno escolhido. As formigas cortam todo o manival, estragando por completa a roça.

Mesmo achando um terreno em boas condições, levanta-se para o índio a questão: o que poderá plantar nêsse sítio. Em geral, possue um bom conhecimento das terras, das suas qualidades e pela experiência de gerações, sabe, quase infalìvelmente, o que dela pode esperar. Com outras palavras, êle compreen-

de empìricamente, o que ali pode plantar e qual será o resultado, em condições normais. Pois desta apreciação depende, ao menos em parte, o tamanho de sua roça. Por repetidas provas vê o tipo da terra e daí tira as conclusões necessárias. Em geral, procede desta forma: Cava com o terçado um buraco e examina a terra. Desmanchando-a entre os dedos, conhece pêlo tato, a qualidade. Distingue três tipos: *arenosa*, *barrenta* e *preta*, admitindo certas oscilações ou tipos intermediários conforme a composição ou percentagem de barro ou areia. Tira estas provas de terra em várias profundidades e extensões quando desconfia que almente se trata de uma camada fina ou para verificar até onde se prolonga. Da qualidade da terra depende também o tipo da plantação, ou em outro sentido: dependendo do que êle quer plantar, deve escolher um tipo de terra. Por isso, em suas excursões de caça pela mata, o índio presta atenção ao terreno por onde passa para saber onde achar terra apropriada quando dela precisar. Como norma geral vale a seguinte regra:

terra arenosa: — bôa sòmente para a maniva; para outras plantações é inadequada;

terra barrenta: — bôa especialmente para maniva, tubérculos em geral e também para bananeiras; outras plantas não se desenvolvem muito bem nêste sôlo;

terra preta: — bôa para tudo. Por isso sempre se procuram terras prêtas e a elas se dá preferência. É terra especial para tabacos.

2. Tamanho e Forma da Plantação — Da qualidade da terra depende, como já em parte foi aludido, também o tamanho da roça. Achando êle a terra escolhida um tanto fresca, calculando que a safra será menos satisfatória, de antemão, faz a roça um tanto maior. Pela prática que adquiriu desde a juventude, calcula empìricamente a área necessária. Não usa para isso de medidas, à semelhança de nossos caboclos ("braças", "varas", ou coisa semelhante). Fiz várias tentativas para saber como o Munduruká calcula o tamanho da roça a fazer. As respostas eram sempre as mesmas "...olhando, a gente já sabe..."

ou "...a gente, só vendo..." Se a família, com os anos, cresce ou se outros parentes vêm morar na mesma casa, então faz o roçado maior. O cálculo, é, portanto, essencialmente intuitivo, embora se baseie sôbre experiências práticas, colhidas durante gerações.

Hoje em dia, o índio geralmente planta um pouco mais do que precisa para seu uso, a fim de obter um saldo para melhorar sua situação (juntamente com o saldo da borracha por êle cortada), empregando-o na compra de roupas, rêdes, terçados, etc... A roça, portanto, lhe ajuda manter, nas atuais circunstâncias de aculturação, o seu equilíbrio econômico.

Outra cousa que também, depende em parte dos acidentes do terreno, é a forma da roça. Mas aí já se manifestam outros elementos, especialmente, influências de aculturação néo-brasileira. O Mundurukú, podendo, dá preferência à forma tradicional que é a arredondada ou elíptica-ovalada. Assim os ancestrais faziam os roçados e assim são feitos até hoje, nas malocas dos campos. Ainda em 1957, podia-se distinguir muito bem essa forma de roça, sobrevoando de avião as malocas de Kabitutu e Pararokti. Mas, isto já não é regra de todo certa. "Vai conforme o terreno", me disseram. Maior que a influência do terreno, é, creio eu, a dos caboclos. E assim vêm-se plantações de formas variadas, alongadas, retangulares e até quadradas. Estas últimas predominam especialmente na zona do Cururú e do Tapajós, em zonas, portanto, onde o Mundurukú já não vive mais nas comunidades das malocas, e sim, em moradias isoladas. O desmembramento da comunidade e a emancipação da família Mundurukú do sistema de maloca reflete-se aqui como também em muitos outros aspectos de sua cultura.

3. Brocar — *tyut tatobm* — Brocar é a ação de cortar o mato miudo com o terçado, limpando o terreno da futura roça dos arbustos, árvores jovens e mato. Isto se faz em preparação ao serviço a seguir que é a derruba das árvores. Assim, os cortadores de paus têm mais liberdade de ação. Depois da queda dos troncos seria impossível limpar o terreno do mato baixo. Em geral faz-se a broca em três dias de trabalho e deixa-se passar um certo tempo, para o mato cortado secar.

4. A Derrubada — yup chigu ou yup chichigu — Derrubar a mata é quase uma arte em si. Pois, para fazer uma derrubada em estilo, precisa-se de conhecimento e habilidade, de um olhar e cálculo certos, especialmente como as árvores vão cair ou como devem ser cortadas para cairem da maneira mais desejada. Há uma certa técnica na derrubada da mata: Escolhe-se (quando possível, num dos cantos ou, pelo menos, num dos lados mais altos do terreno), uma árvore maior e tira-se por uma linha imaginária, uma faixa que se vai alargando em forma de cunha. Cortam-se, dentro desta área, todos os troncos pela metade de seu diâmetro, mais ou menos, até o pau dar o primeiro estalido. Mas só por fim se corta aquela árvore maior e esta, inteiramente, derrubando-a. Ela cai em cima das árvores vizinhas já meio cortadas, arrastando-as na queda, e por meio delas, todos os outros troncos daquela faixa escolhida e preparada. Com grande barulho cai assim logo uma tira de mata inteira, abrindo uma enorme clareira, num cumprimento de, às vezes 100 metros ou mais. Depois derrubam-se os paus que, por acaso, ainda ficaram em pé, como também os cantos que ficaram, "para acertar a linha" arredondando ou esquadriando o roçado. Mas "não só êstes que se cortam um por um".

A derrubada da mata se faz, geralmente, de abril para maio. Da determinação da época da derrubada depende a da broca que a precede por umas 2 a 4 semanas. Em média, os Mundurukú fazem a derruba de uma roça comum em três dias de trabalho.

5. A Queimada — imapign — A mata derrubada para o novo roçado fica "descansando" durante dois meses ou mais, para secar bem. Os Mundurukú queimam seus roçados geralmente, pelo mês de agosto. Dão bastante tempo ao sol para secar até os troncos maiores. Este espaço, relativamente longo, é para que o roçado queime o mais completamente possível. A coivara ,então, se torna um trabalho fácil e ligeiro. Troncos que, por acaso, ainda restarem, depois da coivara, ficam ali mesmo e são utilizados, frequentemente, como fonte de lenha para a maloca ou casa. Via de regra, os Mundurukú têm roçados bem queimados.

Para tocar fogo, escolhem um dia de brisa em que o vento não esteja demasiadamente forte. Pois assim, a brisa ajuda o fogo, mas não o deixa passar rápido demais, ou só queimariam os galhos miúdos e folhagens, mas os troncos permaneceriam intáctos. O roçado ficaria simente chamuscado, mas não queimado.

Para incendiar a derruba, os Munduruká servem-se de tochas, feitas de palhas secas ou de certos paus resinosos. Com elas distribuem o fogo em vários pontos do roçado. Se houver outras plantações ou até casas por perto, com perigo de passar fogo para lá, muitas vezes queimam primeiro uma estreita faixa de roçado que fica abaixo do vento, para que mais tarde, o fogo grande da roça encontre um aceiro e não passe para a mata ou casa vizinhas. Também preferem, em geral, queimar os roçados antes de tocar fogo nos campos, como é costume entre êles. Como afirmam, queimando os campos gerais em enormes extensões, atrairiam chuvas que prejudicariam a queimada das roças.

6. A Coivara — *Taipa* é a coivara; encoivarar — *taipe chigu* ou *taipe chichigu*; queimar a coivara — *taipu mapigu* ou simplesmente *imapigu*, queimar.

Enquanto os galhos e troncos finos queimam dentro de horas ou de um dia, os troncos maiores levam mais tempo, ardendo lentamente. Chega a vez da coivara. Juntam-se e empilham-se ramagens, galhos e pedaços de troncos que não foram ainda queimados inteiramente, em cima dos troncos mais grossos, ainda fumeganies, para melhor destruí-los. Depois ateia-se fogo, novamente nesta coivara ,para reduzir à cinza as madeiras restantes, e desembaraçar o terreno para a plantação.

Como todo serviço de roça, a queimada, a coivara e a queimada da coivara, exigem prática e habilidade. Em caso contrário o índio obterá um roçado mal queimado.

7. Cavar e Plantar — Em seguida, vem a época da plantação, nos meses de setembro ou outubro, conforme as primeiras chuvas. Homem e mulher vão juntos à nova roça, para plantar em comum. Plantar é um serviço conjugado e compõe-se de duas ações diferentes: cavar ou abrir a terra, e plantar

ou seja, enfiar os talos de maniva na terra. A primeira é serviço do homem; a segunda da mulher.

O homem cava ou abre um buraco na terra (*ãxadu*). Faz isto mediante um "pau de cavar", que consiste numa vara forte, de mais ou menos 2 metros de comprimento e que está apontada na parte inferior. O homem empurra esta vara com força, no chão, num ângulo de 30 a 45 graus, e endireitando-a para uma posição vertical, abre assim uma pequena cova, na qual a mulher que o acompanha, coloca dois, no máximo três talos de maniva (6) (*manok tasaxbes* ou *manok ip manum*). Tirando da cova a ponta da vara, ela pisa em cima para fechá-la e para apertar a terra, mas de maneira que as pontas superiores dos talos de maniva ficam fora para o desenvolvimento de galhos e de folhas. Pela influência da civilização, hoje em dia, os Munduruká já usam enxadas e até ferros de cova. A distância das várias covas de maniva, é, avaliadamente, de um metro em média.

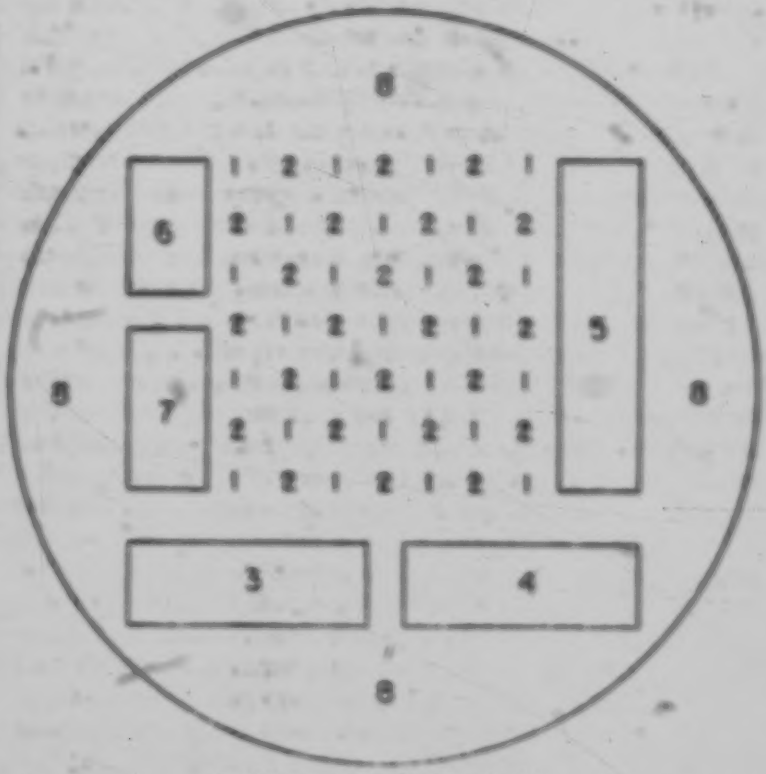
Não resta dúvida que os Munduruká executam os trabalhos de sua lavoura dentro de um certo sistema, não só quanto as etapas na abertura da sua roça, como também no próprio plantio. Existe um seguimento na ordem de plantar a roça. No tempo entre a coivara e a época de plantar, geralmente já semeiam melancia que se desenvolve extraordinàriamente bem nessa terra recém-queimada. Só depois vão os tubérculos. Num esquema geral a ordem da plantação (embora nem sempre estritamente observada) é a seguinte:

a) Cultura eventual de melancia (também jerimum ?)
b) Plantação ou cultura definida de:

1. maniva
2. cará
3. cana
4. amanxi, abacaxi

---

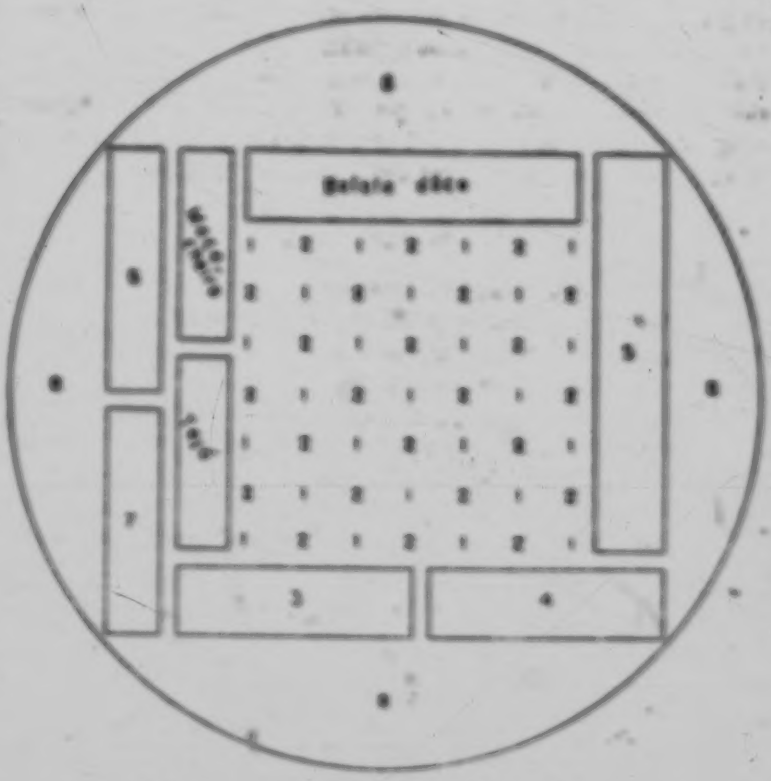
6) — Maniva chama-se a planta e é o nome genérico dado vegetal (*Manihot utilissima*), enquanto as raízes, em forma de grandes tubérculos, são denominadas "mandioca". As hastes da maniva, depois da safra, são guardadas para o novo plantio, ocasião em que são cortadas em pedaços de 20 cms, no máximo. Estes pedaços ou "talos de maniva" plantam-se na forma indicada, pois a maniva não se propaga por sementes.



1 — Esquema da roça Munduruká

5. timbó
6. arroz
7. milho
8. feijão, fava, jerimum, etc.

Outras plantas como a macaxeira, o tajá, a pimenta, etc., ajeitam-se nos cantos da roça ou ao lado, conforme as possibilidades e circunstâncias. Em todo caso é de notar que os tubérculos, especialmente a mandioca e o cará, ocupam o centro da plantação, enquanto as outras plantas cultivadas, que não são tubérculos, contornam a roça. Cará e mandioca são plantadas alternadamente como que num quadro de xadrez. Macaxeira, ba-



II – Esquema da roça Munduruká (simplificado)

cata doce e tajá, plantam-se, ao contrário, juntos, não muito misturados com outras plantas de cultivo. Tomé, um dos meus informantes, desenhou-me um croquis esquematizado de uma roça. Os números aí registrados, referem-se aos já acima mencionados, no seguimento da plantação.

Em conexão com êste sistema de agricultura convém também mencionar as plantas de cultivo em geral. Deve-se fazer, então, uma distinção entre plantas que se cultivam na roça estritamente dita, e outras, especialmente frutíferas, fora da roça, em capoeiras, ao redor da casa, nos portos de canoa ou outros lugares de freqüência ou acesso fácil. No primeiro caso trata-se

de plantas de agricultura propriamente dita; no segundo, de um começo de pomicultura embora muito rudimentar ainda. Seja dito também que de quase todas as plantas de cultivo, os Mundurukú conhecem variedades que sabem muito bem distinguir e cuja anotação com os respectivos nomes indígenas e científicos, se encontram na última parte dêste pequeno trabalho.

a) Plantas cultivadas em roça:

mantiva — mawik, sete qualidades
mandioca — mano; manikon, duas qualidades
macaxeira — makachi, duas qualidades
cará — awai, cinco qualidades
batata doce — wechik, 4 qualidades
taiá — de vários nomes (puriri, kurudyudyut), duas qualidades
jerimum — yuruma; yuruma a, vários tipos
melancia — burikbia, burkaia, três qualidades
cana — kanya
abacaxi, ananas — ipara, cinco qualidades
milho — moro, duas qualidades
arroz — arikka
fava, feijão — feijão, weisi, três qualidades
mendubi — wesampema
tabaco — he; o
curauá — ipara he

Também:

pimenta — achi; achi á, quatro qualidades
banana — aka, cinco qualidades
algodão — buru, duas qualidades
urucú — tyuku; tyuku a
mamão — aabu a, duas qualidades

b) Plantas cultivadas fora da roça:

[illegible]
jurumú — uai u; wai a

fruchu — epipa
cutí — kupe; kupe ip, várias qualidades
cacau — wadye, três qualidades
guaiapo — waram ap; waram ap a
tagá — chiriri
limão — krimão, krimão
laranja — yarsi; yarsi ip
manga — mãgu; mãka, várias qualidades
cajú — maruse, maruse, três qualidades

Também:

pimenta — acti, acté a, quatro qualidades
banana — akz, cinco qualidades
algodão — buru, duas qualidades
urucú — tyuku; tyuku a
mamão — mão a, duas qualidades

Há, portanto, um pequeno grupo de plantas que se encontram tanto nas roças como fora delas: pimenta, banana, algodão, urucú e mamão.

Para algumas espécies de plantas, separa-se, frequentemente, um lote de terra ou faz-se um pequeno roçado à parte, assim por exemplo para o tabaco e o curauá.

Além destas plantas úteis para a subsistência, os Munduruká têm ainda uma certa quantidade de vegetais que os caboclos chamam de "cheiro" e que usam na ocasião dos banhos, para dar ao corpo e, especialmente, ao cabelo um cheiro mais agradável. Umas poucas ervas também são cultivadas para fins medicinais. E outras, ainda, são utilizadas na prática de certas superstições e feitiços. Embora sabendo que êstes assuntos não têm ligação direta com a agricultura, faço esta ligeira menção, porque se trata também de "plantas de cultivo".

Disse atrás que os Munduruká devem ter tido bastante contácto com os civilizados e outras tribus para adquirir tal quantidade de plantas úteis. Como antigo "stock" de plantas cultivadas pelos indígenas nas florestas do Vale Amazônico, devem ser consideradas, em primeiro plano, os tubérculos. Outrossim

parece que o uso de algumas destas plantas tipicamente indígenas como p. ex. o do curauá ou da macaxeira, não é muito antigo. Pelo uma série de tribus com o tipo de uma agricultura bem semelhante à dos Mundurukú, não conhece ainda o plantio de macaxeira nem de curauá. (9)

A primeira grande influência por parte da civilização deve-se, sem dúvida, durante o século XIX, depois da pacificação dos Mundurukú, quando êles se fixaram nas margens do Tapajós. Através dêste contácto, quase tôdas as plantas cultivadas no Baixo Amazonas chegaram ao conhecimento dos Mundurukú, e foram, em sua maior parte, aceitas por êles. Também a antiga Missão de Boraboi deve ter tido alguma influência para êste desenvolvimento. A penetração das novas aquisições agrícolas, como também a sua variada manutenção e utilização, foi rápida na sua expansão ao longo do Tapajós, mas muito lenta e vagarosa na sua expansão para os centros interiores e, especialmente para os campos gerais dos Mundurukânia. O conhecimento e uso da farinha exemplificam êste processo. Antigamente, os Mundurukú desconheciam a farinha e fabricavam somente beijú. Hoje, também nas malocas dos campos, todos trabalham em farinha. Mas, como disse, a farinha é uma aquisição relativamente recente. Meu informante Tomé, relatou-me o seguinte: "Minha avó me contou, um dia, que nos tempos de sua mocidade, nas malocas (dos campos), ainda não sabiam fazer farinha. Faziam só beijú, que às vezes, até torravam em cima de (chapas de) pedra." Isto há 80 anos passados, no máximo. Os Mundurukú do Tapajós, porém, muito mais expostos ao contácto da civilização do que os Mundurukú dos campos centrais, naquela época já conheciam muito bem a farinha e fabricavam-na até para o comércio. Martius, Bates e outros, como já indicamos no início dêste trabalho, falam justamente da tão grande produção de farinha e do comércio de farinha que os Mundurukú do Tapajós mantiveram com os regatões de Santarém e do baixo rio. Parece óbvio, pois, que a penetração de elementos agrícolas no Tapajônia se deu numa ri-

9) — Assim p. ex. a maior parte das tribus karib das Guianas Brasileiras não conhece o plantio da macaxeira, embora, em muitos pontos, o sistema de sua agricultura seja bastante semelhante ao dos Mundurukú.

mo bastante desigual e que no caso citado, nas malocas dos campos só muito mais tarde chegou-se ao uso do fabrico da farinha do que nas malocas do Rio Tapajós. Se isto se deu com o simples aproveitamento de uma planta já cultivada por êles, quanto mais a introdução de novas plantas. Aí, o processo talvez tenha sido mais lento ainda.

De aquisição recente, especialmente por influência da Missão Franciscana, fundada em 1911, no Rio Cururuí, são produtos como o arroz, a fava e várias outras hortaliças que, principalmente, as Irmãs Religiosas cultivam, mas que, pelos índios, são adotadas sòmente em escala reduzidíssima. De árvores frutíferas chegaram-lhes pêssi (último decênio): a mangueira, a laranjeira, o limoeiro, o cafeeiro e uma certa qualidade de cacaueiro. Outros produtos como milho, jerimum, etc., êles já conheciam, mas plantavam-nos em muito pequena escala.

8. Limpeza ou Capinação — Palavras da plantação. Faltam completar algumas notas sôbre os serviços de roça, depois de ser ela plantada. É claro que, depois de terminar a plantação propriamente dita, a roça precisa ainda de algum cuidado. Não imediatamente, mas depois de algumas semanas, ou menos. É a capinação. Entre o plantio e a colheita, fazem-se, geralmente, duas limpezas na roça, capinando o terreno todo. Falam da primeira e segunda limpeza ou também da primeira ou segunda capinação. É feita, quase exclusivamente, a terçado (facão). Não existe época exatamente marcada para isso, porque depende muito do tempo (chuvas) e da necessidade. Fazer a primeira limpeza chamam: tip ogw; fazer a segunda é: kerü ogw.

9. A Safra — O [illegible] usa mais da expressão regional "desmanchar o roçado" ou ainda "arrancar a mandioca" — mosok ta ogw. Dentro de um ano, a roça está madura e pode ser desmanchada. Arranca-se a mandioca à mão. Não se desmancha tôda roça de uma vez, e sim, conforme a necessidade. Para arrancar a mandioca precisa-se de alguma fôrça e jeito. Muitas vezes, quando os tubérculos estão seguros no chão e êste é demasiadamente duro, o índio cava com o terçado ao lado das raízes para afrouxar a terra, e poder com mais facilidade, arrancar

a mandioca. O mesmo modo de empregar o terçado como instrumento auxiliar na extração da mandioca, usa-se também na colheita de outros tubérculos: cará, batata doce, etc.

10. REPLANTAR — pahi kadu ou uwadeu gup manu — Desmanchada a roça, isto é, terminada tôda a safra, abandonam o terreno e êste se torna capoeira. Quando a terra é muito fôfa, tenta-se uma replanta. O terreno é novamente capinado, limpo e, se houver necessidade, queima-se alguns galhos ou arbustos pequenos, o lixo da roça. Procede-se à nova plantação. Êsse processo de replanta é usado também em casos de urgência, quando no índio por qualquer circunstância, ou doença, não fôr possível fazer novo roçado. Quando se faz replanta para sòmente aproveitar a terra, quase sempre derrubam mais um novo roçado, embora pequeno, às vezes encostado, ampliando simplesmente o roçado velho. O índio sabe perfeitamente que o resultado de uma replanta é muito menor do que o de uma roça nova. Por isso tem que suprir a parte que a terra da replanta lhe negará. Frequentemente, a capoeira nova, a roça recém-desmanchada é aproveitada, simplesmente, para plantar um bananal, se a terra fôr apropriada.

A roça, hoje em dia, é indispensável para a vida do Munduruká. Ele é ainda caçador, pescador, e coletor de frutas silvestres. Mas sem roça, êle não poderá mais viver. Ele mesmo acharia absurdo a idéia de subsistir sòmente de caça e coleta. Sabe aproveitar a sua roça e as plantas que nela cultiva, tirando delas uma série de subprodutos que lhe ajudam o sustento. (10)

III. FATORES SOCIAIS

Sendo a agricultura uma das bases de subsistência da vida Munduruká, não é de admirar que ela deixe os seus reflexos também na vida social da tribu. Manifestam-se certos fatores

10) — É bastante interessante uma comparação do sistema agrícola indígena com o do caboclo do Baixo-Amazonas. Wagley, em seu estudo de "Uma Comunidade Amazônica" (1957:109 ss), indica, em traços mais gerais, o mesmo processo de abertura de roça, plantio e cultivo, da lavoura atual, entre a população cabocla de "Itá". Sejam mencionados, aqui,

sociais, determinadas ou influenciadas pelo complexo de roça e agricultura. Pretendo referir-me, especialmente, à tríplice relação de:

1. Roça e indivíduo: a divisão de trabalho;
2. Roça e família: propriedade agrícola e auxílio mútuo;
3. Roça e grupo tribal: migração intra-territorial.

1. Roça e Indivíduo: a divisão de trabalho pelos sexos.

Entre índios, em geral, existe uma lei ou acôrdo, segundo o qual cada um é dono do que adquire, faz ou produz. Assim, estabelecem-se de antemão, para o indivíduo, certos direitos de exclusividade. Esta se manifesta por um princípio de divisão sexual do trabalho. Por exemplo, a matéria prima e os produtos de cestaria, são exclusividades e propriedade, do homem; o barro e artigo de olaria, da mulher. Pela tradição, o trançado é um trabalho feito somente pelos homens, a louça pelas mulheres. Em todos os setores da vida tribal, os trabalhos pertinentes a cada sexo são determinados por fortes princípios tradicionais. Dêles decorre o conceito de propriedade individual.

Também em tôda a cultura material dos Munduruká, manifestam-se de modo claro, os dois ciclos de trabalho: o do homem e o da mulher. Esta divisão ergológica aqui só nos interessa enquanto diz respeito à agricultura. O assunto, porém, é um caso quase limítrofe, onde êstes dois ciclos de trabalho se tocam ligeiramente. Na agricultura há serviços exclusivos do homem, especialmente na fase inicial da preparação do roçado; e há serviços exclusivos da mulher, principalmente desde o momento

simplesmente nas três-quinze: escolha de terras e aparelhamento de capoeiras (:101), broca e derruba (:103), queima, colheita, e plantação (:104), principais plantas de cultivo (:102), culturas secundárias (104), replanta (:104). Esta comparação, de fato, justifica as dúvidas do mesmo autor que no Baixo Amazonas "as culturas agrícolas bárbaras pouco mudaram desde o tempo dos aborígenes" (:107). Também os Tenetehara, tribo Tupi do Maranhão (Wagley e Galvão, 1949) usam de métodos e processos agrícolas em muitos pontos até idênticos aos observados entre os Munduruká.

da plantação em diante; mas há também serviços conjugados, nos quais ambos os sexos participam, como na plantação da mandioca. Aí o homem abre a cova com o pau de cavar e a mulher põe os galhos ou talos de mandioca no buraco aberto e fecha-o, pisando em cima.

Cada etapa da plantação, tem assim os serviços determinados pelo sistema dos ciclos ergológicos. Um esquema oferece o seguinte quadro:

do homem	da mulher
1. Escolher o terreno e o derrube	—
2. Determinar o tamanho e o formato	—
3. Roçar	—
4. Derrubar o mato	—
5. Queimar o derrube	—
6. Encoivarar	—
7. Queimar o encoivara	—
8. Plantar: abrir a cova	Plantar: colocar os talos de mandioca
9. —	Capinar a roça
10. —	Fazer a segunda limpeza da roça
11. —	Colher: arrancar a mandioca, descascar o regalo.

Este esquema básico vale para os casos normais. Se houver grande necessidade, ou urgência no serviço, o homem pode ajudar, ocasionalmente, nos trabalhos de capinação, limpeza e até colheita. Mas por si, são serviços próprios da mulher e pertencem por direito, devido ao ciclo de trabalho, à mulher.

Esta divisão de trabalho, oferece ainda outro aspecto. Ela não existe somente em relação ao preparo ou uso da plantação, também se refere à espécie das próprias plantas de cultivo. Aí também há certa exclusividade, por exemplo: só o homem planta e cultiva melancia, jerimum, mendubi, mamão, fava e feijão.

Mas, na maior parte das plantas ou sementes a serem cultivadas, aparece um serviço conjugado na forma já referida: o

homem abre a cova e a mulher coloca as latas ou sementes de maniva, cará, cana, milho, arroz, ananás, bananeira, etc., etc.

Desta divisão do trabalho em dois ciclos, conforme o sexo, depende, também, a terminologia a respeito do conceito da roça. Existem dois têrmos para a roça: kat, diz o homem; ko, fala a mulher. Estas duas expressões não são propriamente, uma dupla designação para a roça e sim, indicam a roça enquanto é resultado do trabalho de um dos dois sexos. São designações parciais. Portanto, kat, expressão usada pelos homens, abrange os preparativos da roça até à plantação — o roçado, enquanto é trabalho do homem. Ko, têrmo das mulheres para a roça, abrange os trabalhos feitos pela mulher na roça, desde a plantação. Pôde sentido básico poderiam traduzir-se êstes dois têrmos: kat como derrubada e ko como plantação. Assim se torna mais claro porque a mulher nunca dirá por exemplo: que vai ao kat, à derrubada, porque não é ela quem a faz, e sim, que vai ao ko, à plantação, porque, de fato, é ela quem planta. O mesmo dirá, vice-versa, o homem. Se, porém, há necessidade para o uso de um têrmo geral, impessoal, também os homens empregam a palavra ko, mas com a indicação respectiva de ser "dela" ou "da mulher", caso possa surgir um mal entendido.

2. Roça e Família: Propriedade Agrícola e Auxílio Mútuo

É claro que êste complexo de assuntos agrícolas deixa os seus reflexos na vida da família indígena, tanto dos Munduruku que ainda vivem em comunidades no sistema antigo das malocas, como dos que se emanciparam dessa vida, formando com suas famílias núcleos próprios, de vida isolada, com casa e roça particulares. De fato, hoje em dia, é necessário fazer uma distinção:

1. entre os índios Munduruku dos campos, em número de 250, uma minoria de, aproximadamente, um quinto do total de 1200, que ainda vive segundo o sistema tradicional de comunidades tribais, ou seja, em malocas;

2. entre os Munduruku já mais ou menos aculturados, dos rios Tapajós, Cururú, Tropas, etc.

No primeiro grupo, dos campos, encontramos mais ou menos a forma primitiva ou tradicional do sistema agrícola Mundurukú: um sistema de trabalho coletivo à base de auxílio mútuo. Murphy indica a situação atual nas malocas dos campos, dizendo: "Cada camponês adulto do sexo masculino, tem sua própria roça que é limpa pelo esforço coletivo de todos os homens da aldeia e plantada de maneira com a cooperação da aldeia inteira". (11) Est., trabalho cooperativo, de fato, até certo grau, existe nas malocas, e deve ser entendido dentro das normas da divisão de trabalho e suas bases jurídicas que se referem em primeiro lugar, ao direito à propriedade particular ou individual. Aqui, no amanho da roça, trata-se de um serviço conjugado dos dois elementos sociais, masculino e feminino, e, dependendo dêles, dos respectivos ciclos de trabalho. Homem e mulher, porém, mesmo depois de casados, e formando, portanto, família não perdem, pelo casamento, os seus direitos individuais de proprietários de sua parte da roça, pois o índio é essencialmente individualista, e não conhece direitos de propriedade em comum. Para equilibrar esta situação, recorre a um conceito que poderíamos chamar de "direito de compensação", que se aplica ao usufruto da roça em comum: ao homem, à mulher e, naturalmente, aos filhos pelos quais são responsáveis.

Convém explicar mais à miúdo êste assunto, a respeito da propriedade da roça.

Creio que seja necessário fazer uma distinção entre o proprietário da terra e o proprietário dos trabalhos feitos nesta terra, como também dos resultados obtidos.

A terra, nestas matas e mesmo dentro da área ocupada pela tribo, não tem propriamente dono. Todos podem fazer roça, onde quiserem... Mas uma vez escolhida a terra, ela se torna propriedade por todo o tempo enquanto está produzindo, é então propriedade do homem. Depois de abandonada, porém, torna-se outra vez, terra da Índia e de ninguém, uma terra devoluta.

(11) — Murphy, 1954:28

(12). Existe, portanto, unicamente, um direito de propriedade transitório, enquanto está sendo utilizada; um direito que melhor se poderia chamar de uso ou de usufruto.

Este conceito é completado pelo outro aspecto da questão, quanto aos trabalhos e produtos da roça. Entra aqui o conjunto dos trabalhos de homem e de mulher (conforme os ciclos de trabalho), e a família, que já por si forma uma pequena comunidade, faz valer os seus direitos.

O conceito dêste direito de aparente propriedade em comum, deriva-se da divisão de trabalho entre homem e mulher. Pelo direito individual, cada um é dono e proprietário do que produz, faz, etc. O homem faz a roça, a derruba (kui) e é proprietário dela. A mulher, portanto, planta, estritamente dito, em propriedade alheia (a saber do homem ou marido) e paga-lhe o usufruto dêste direito, mais tarde, com produtos de sua plantação. Com outras palavras: em compensação pelo preparo da roça, feito pelo homem ou marido, êle pode comer também da plantação dela. Por outra parte, a mulher é dona da sua plantação e o homem ou marido não pode, pelo direito de propriedade individual, destruir da plantação alheia, mesmo sendo a da própria mulher. Adquire, porém, um certo direito, não de propriedade, mas de usufruto, na plantação, pelo trabalho de a ter possibilitado pela derruba da mata. À mulher, corresponde, pois, a obrigação de deixar o marido usufruir de sua plantação, dentro dos moldes da divisão do trabalho. Trata-se pois, de direitos (ou respectivamente, deveres) recíprocos que são normalizados e contrabalançados pelo direito de "compensação". E, relativamente à divisão do trabalho, êste direito da compensação é absolutamente necessário. O que faria o homem com a derruba sem poder plantar, o que é do direito da mulher? Sem o trabalho prévio do homem, ela só poderia plantar em quantida-

(12) — Entre os Tauateíbara, também tribo do grupo tupi, observa-se uma coisa bem semelhante. "Garden lands, that is to say, lands on which people have expended labor, are either individual or group property. During the time a man still has crops on the site, it belongs to him. But as soon as he has harvested all his crops and abandoned the land to the secondary growth which begins to cover it, it may be used by anyone" (Wagley e Galvão 1949:30).

dos pequenos e por outro, por falta do preparo do terreno, as plantas de cultivo não se desenvolveriam bastante. Em ambos os casos, os resultados seriam insignificantes e o sustento da família, nesta parte, estaria periclitando. Resulta, daí, a necessidade dêste direito de compensação mútua.

Cada homem, ou, respectivamente, cada família, faz sua roça própria e a possue com direitos de exclusividade. O dono, porém, pede auxílio de seus parentes ou dos homens do grupo com que convive, para o ajudarem nos serviços (broca, derrubada, etc.), enquanto a mulher, mais tarde, pede, por sua vez, (mas nem sempre), o auxílio das mulheres para os serviços tipicamente femininos, no sistema da divisão de trabalho já mencionado (13). A comunidade auxilia o indivíduo, os maiores se ajudam mùtuamente; e cada um deve auxiliar os outros, quando chega a vez de fazer a roça. Existe pois, quanto a êste trabalho coletivo, um elaborado sistema de receita e recompensa em bases iguais. Recebem-se dias de trabalho e, mais tarde, paga-se êste auxílio recebido, da mesma forma, com dias de trabalho. Trata-se, portanto, de um amplo sistema de auxílio mútuo. É natural que o dono da nova roça achará o seu principal apoio den-

(13) — Embora aqui se trate da agricultura dos Mundurukú atuais, sejam também dadas informações, colhidas especialmente e em lugares distantes entre si, a saber uma por mim mesmo entre os Mundurukú ocidentais do rio Cururú e outra pelo missionário Frei Angélico em uma malocca dos campos, em Dekudyeen. Segundo estas informações, o sistema agrícola dos ocidentais mundurukú a respeito do auxílio mútuo e da propriedade da roça teria sido um tanto diferente. Diziam que, primitivamente, o grupo todo fazia um roçado grande para todos os membros da comunidade e que os direitos do indivíduo na roça se baseavam, justamente, naquele auxílio mútuo, na recompensa do serviço prestado à comunidade. Ao lado desta concepção de uma roça coletiva, os informantes mencionam, igualmente, roças particulares das famílias, estas, são exclusivo, mas principalmente, cultivavam uma alimentação suplementar, secundária, como bananas, pimenta, etc. As notas exibidas, porém, são evidentemente elaboradas, se uma roça coletiva servia para o uso comum e diário do grupo ou fazia, elemento, de reserva para casos de necessidade, para o auxílio dos velhos ou inválidos, para o sustento dos hóspedes ou como roça cerimonial para ajuda nas grandes festas. — Ainda um tipo de roça de uso comum, embora de propriedade particular, entre os Tauandeua, ver: Wagley-Galvão (1948:139).

tro de seu parentela: filhos adultos, irmãos, cunhados, genros, etc. Pelo auxílio exigem, porém, não é obtido unicamente, e sim, por meio de convites pessoais, feitos não coletiva, mas individualmente. O modo de fazer isto é muito simples: pede-se o auxílio e combina-se o dia e mais outras circunstâncias da ajuda. Não há danças convidativas ou coisa semelhante. Para o dono da roça é importante acertar os dias de auxílio, porque tem que providenciar para estes dias o rancho: carne, peixe, beiju, bebidas. Pois da aquisição deste rancho depende a continuidade ou a interrupção dos serviços da roça. Quando são muitos os homens e o dono da roça não pode arranjar alimentação suficiente, trabalha-se com intervalos. Broca-se um ou dois dias e depois para-se, para caçar e pescar. Continua-se, mais tarde, com a derruba, da mesma maneira, "conforme a bôia", como dizem. Os intervalos ou, respectivamente, os dias de trabalho dependem, portanto, da provisão ou dos mantimentos existentes (14).

Assim se explica, também, porque homens e mulheres, a seu tempo, trabalham preferencialmente em grupos: porque trabalham a convite do dono da roça. Quando, porém, se trata do desfrute da roça já madura, então a família manifesta e exerce o seu direito particular de proprietários sôbre a roça. E, às mais das vezes, para arrancar a mandioca, homem e mulher ou os membros da família preferem ir a sós. Desfruta-se a roça, geralmente, sem o concurso dos outros ou do grupo. Eis, pois, a situação da família Mundurukú em relação à roça e plantação dentro da comunidade tribal: A família se baseia na comunidade, necessita e obtém desta mesma comunidade para os tra-

14) — O modo de convidar visinhos e parentes para trabalhos em comum e de marcar os respectivos dias, existe também, sôbre mesmo modêlo de auxílio mútuo, entre os caboclos do Baixo Amazonas. Na região de Santarém, Alenquer, Óbidos, etc., chamam isso de "puxirum", "marcar um puxirum", "ir a puxirum", etc. Sem dúvida, um dêsse costumes ràlmente mais profundos e vêm de longa data, da época em que o Baixo Amazonas ainda era terra de índios e de tapuios. Em outras regiões, o "puxirum" traz o nome de "ajuri" (Rio Negro) ou também de "mutirão" (sul do país). Também Wagley (1949:136) menciona esta cooperação como "putirão" ou "mutirão". Veja-se ainda, Calderón, 1938.

balhões da roça, auxílio mútuo; mas à família se reserva sempre os direitos exclusivos de propriedade, de uso e de destruição de sua roça.

Como, porém, está a situação dos Mundurukú aculturados? Hoje, cerca de quatro quintos dos Mundurukú abandonaram o sistema de convivência em comunidades tribais. Para êstes não há mais ligação direta à vida da maloca e suas comunidades se dissolveram. As famílias se emancipam. Não há mais casas em comum, mas cada família tem casa própria. Possuem, por isso mesmo e necessàriamente, roça e plantação particulares. E, como cada família vive só, também cada homem ou cada família, faz individualmente o roçado. Isto fundamentalmente. Mas devido às dificuldades existentes e por necessidade, conservou-se êste elemento tão proveitoso: O auxílio mútuo. Convidam-se os parentes e vizinhos para auxiliarem na roça e, por outra, vai-se ajudar os que prestaram seus serviços, da mesma maneira e nas mesmas condições, como, antigamente, o faziam no sistema da vida em comunidade.

Como conclusão essencial resulta daí que, entre os Mundurukú, divisão e execução dos serviços de roça conforme grupos de sexo e ciclos de trabalho, o sistema de plantação e a colaboração recíproca por meio de convites, são elementos de cultura dos mais estáveis. Permanecem e não se modificaram, essencialmente, mesmo depois da dissolução das comunidades tribais a que pertenciam, e da aculturação ao novo ambiente não-brasileiro.

Existe ainda um tipo de roça que, até certo ponto, poderia ser denominado de "roça comum". Êste tipo aparece, porém, tùnicamente dentro da parentela em sentido mais estrito. Quando a parentela (por exemplo: as famílias de pai e filho ou de vários irmãos) está muito unida ou quando, por qualquer contratempo, um dos membros da família não pode mais fazer roça própria, mas pode auxiliar a fazer a roça do pai, irmão, filho, etc., então, por vezes, fazem um roçado em comum. Entende-se, porém, o conceito de "roça" em sentido absoluto: roça de maniva, de tubérculos. Pois sempre plantam ainda suas bananas, pimentas, etc., à parte, para o gasto particular, cada família por si. Êste tipo de "roça em comum" existe também (ou exclusi-

vamente 7) fora da antiga comunidade, entre os Mundurukú sculturados. Observei um caso dêstes na própria missão, entre pai e filho, onde todos possuem casas próprias. Ambas as partes têm direitos iguais no desfruto da roça. Êste tipo de "roça em comum" assemelha-se bastante ao conhecido entre os cabocios, como "roça de sociedade". A diferença entre os dois tipos, poderia ser estabelecida, talvez, assim: a "roça em comum" serve, diretamente, para o gasto e sustento das respectivas famílias interessadas no caso; a "de sociedade" é de contrato com bases e fins, geralmente, comerciais.

Uma vez que há propriedade, surge também o problema da herança. Cada plantação tem o seu dono, com todos os direitos de propriedade. Em caso de morte, o roçado passa para as mãos do filho mais velho, que, porém, não é outra coisa mais do que "administrador" desta herança, com co-direito de usofruto. Herdeira é a família, representada pelo filho mais velho no sentido de que êle deve tomar conta do roçado, de que a família participa juntamente com êle. Quando não há família, os irmãos herdam a roça. Não havendo irmãos, são os outros parentes. Em todo caso, não se deixa perecer a roça. Desfruta-se sempre a plantação.

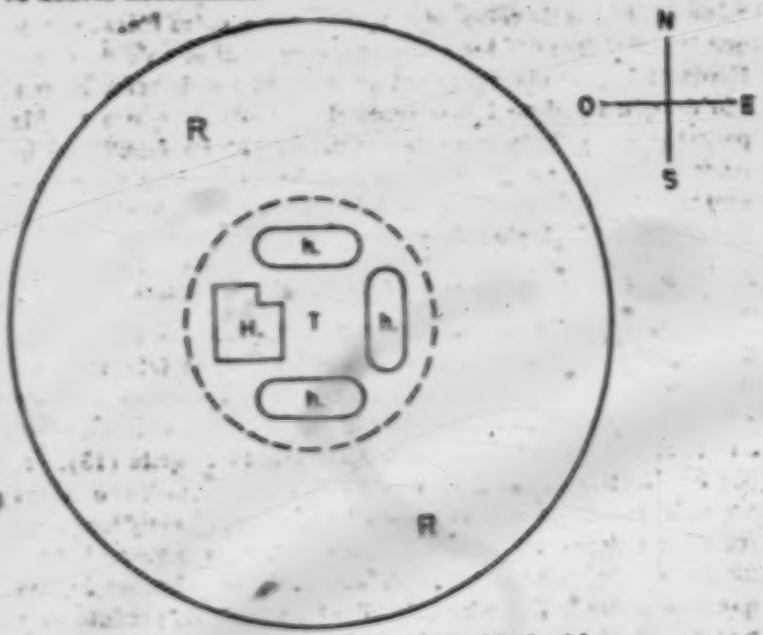
3. A ROÇA E O GRUPO: MIGRAÇÃO INTRATERRITORIAL

À primeira vista, muitas vezes, o roçado dos Mundurukú parece ficar longe da sua casa ou maloca. E de fato, frequentemente, é assim. Mas quase sempre isto é consequência de longos anos de vivência num só e mesmo lugar. Com o tempo, a terra ao redor das habitações torna-se fraca e exausta (15). É por êste motivo que o índio tem necessidade de procurar novas terras mais adiante e fazer as plantações sempre mais longe, de forma que, depois de um certo espaço de tempo, o grupo indígena, realmente, mora distante de sua fonte de alimentação, até que os próprios índios acham difícil o transporte do produto para a casa. Então, dá-se a vez de mudar a maloca para outro local

15) — É conhecida a completa inexistência de técnicas de fertilização do solo entre os índios das florestas amazônicas. Unicamente por acaso (as queimadas de capoeiras), o solo já gasto recebe algumas substâncias fertilizantes, pelas cinzas.

mais favorável. É nesta ocasião, pode-se observar o sistema primitivo e, sem dúvida, mais ideal desta relação recíproca de roça e maloca.

No caso da mudança e da construção de uma nova maloca, esta fica no centro do novo roçado do tuxaua ou chefe do grupo. A forma tradicional da roça é arredondada, como já mencionamos. E no centro dela limpa-se o terreiro da nova aldeia, também redondo. Nêle se distribuem as casas num quadrado: a casa ou o barracão dos homens (hokse), aberto com a frente para leste e com a casa dos espíritos dos ancestrais (kudaka) ao lado; as casas ovais para as mulheres e crianças (hok-a) à direita e à esquerda, fechando-se o quadrado com outra hok-a no lado este, se houver necessidade.



III — Esquema de u'a maloca Mundurukú
T: terreiro; H: hokse; h: hok-a; R: roçados

O núcleo assim formado torna-se, então, um novo centro do grupo tribal, do clã ou sipe. Roça e maloca formam, pois, uma unidade e a maloca fica dentro da primeira roça. Nos anos se-

14: Frikel SQ13 Mundurucu

guintes, amplia-se o roçado mais para os fundos. E, se a terra não for própria, transfere-se a roça para mais adiante, e sempre mais adiante, até que, depois de uma série de anos, sente-se necessidade de transferir a aldeia e começar de novo. Origina-se, assim um ciclo de migração intraterritorial dos grupos.

Desta relação de roça e aldeia, ou também, de roça e comunidade, resulta pois, relativa pouca estabilidade local dos grupos tribais que, porém, não chega à formas de nomadismo, talvez nem às de um semi-nomadismo estritamente dito. De fato, existe uma certa migração dos grupos, resultantes das condições agrárias, pois é a terra que obriga o índio a mudar-se sempre de novo. Mas estas migrações são um processo lento que não se nota tanto ou acentuadamente, porque as mudanças de um lugar para outro, realizam-se só espaçadamente, dentro de decênios e porque se passam dentro de uma certa área bem definida que é justamente o habitat da tribo. Saindo, porém, êste movimento dos limites do território próprio, as causas devem ser procuradas, geralmente, em outras circunstâncias: em guerras, coação por outras tribos, ou como se nota entre os Munduruku atuais, às influências do comércio e da extração da borracha. Mas, primitiva e normalmente, esta migração "interna", isto é, êsses deslocamentos e essas mudanças de grupos dentro da área própria da tribu, baseiam-se unicamente, nas ditas condições agrárias. Já Martius disse dos Tupi do alto Tapajós, a frase citada: "Dedicam-se a uma agricultura primitiva e, por isso, em sentido próprio, não são nômades; as suas malocas, todavia, não ficam invariáveis no mesmo lugar" (16). Êle, portanto, já notou êste movimento e reconhecera a agricultura como responsável pela maior ou menor estabilidade do índio em seu território. De fato, a mesma cousa pode dizer-se concretamente do Munduruku. Êle não é nômade, justamente por causa da sua agricultura. Mas também, não é inteiramente estável em seu habitat pelo mesmo motivo, a agricultura que, pelo gasto das terras, o obriga a estas mudanças continuas, que por fim, resultam em lentas migrações internas que aqui chamei de intra-territoriais.

16) — Martius, 1857:201.

IV. TERMINOLOGIA INDÍGENA A RESPEITO DA ROÇA E PLANTAS DE CULTIVO

1) A RESPEITO DA ROÇA (17).

a) ferramenta:

enxada	*purure*
ferro de cova	*chit*
pau de cavar	*ip maravaivarab ip*

b) roça e serviço de roça:

roça (enquanto é trabalho do homem); êle diz:	*kat*
roça (enquanto é trabalho da mulher); ela diz:	*ku*
brocar	*tyup tatabm*
derrubar (mata)	*yup chign; yup chichign*
queimar	*imapign*
coivara	*taipa*
encoivarar	*taipa chign; taipa chichign*
queimar a coivara	*taipa mapign*
plantar (maniva)	*(masok) taisabm; (masok) ip manm*
capinar, 1.º limpeza	*tip ogn*
limpar, 2.ª limpeza	*karit ogn*
arrancar mandioca	*masok ta ogn*
replantar	*warabm ypu manm; yabi kuon*

17) — A transcrição foi adaptada, quanto possível, ao português. Note-se, porém:
w — como no inglês
ü — como no alemão, porém mais curto
ö — como "o" trancado em alemão, porém mais curto
r — sempre dental
s — sempre forte
z — sempre brando
Consoantes finais (como: k - p - t), sem explosão.
O acento tônico, se não fôr marcado de outra maneira, sempre fica na última sílaba.

3) A RESPEITO DAS PLANTAS DE CULTIVO.

algodão (Gossypium)	buru
" qualidade grande	buru chichi
" qualidade pequena	buru anan
ananaz (Ananas sativus), abacaxi	ipara
" qualidade grande, açêde	ipara chichi
" qualidade do campo	ipara dyõ dyõ
" qualidade sem espinhos, doce	ipara biraprap
" qualidade pequena	ipara anan
" qualidade pequena, amarelo	ipara rem
arroz (Oryza)	arũira
banana (Musa sapientum)	aku
" qualidade São Tomé	aku rabi chichi; (aku robõ)
" " Caiena ou Caiana	aku ãnya
" " Inajá	aku an an pa
" " Rôxa	aku pakpak
" " Branca	aku ririt
" " "	aku rorot; aku riga riga
" " dágua, Chorona	aku ipapan; aku chik pa
" (Musa paradisiaca); qualidade Pacova	aku chichi
" qualidade Pacova grande	aku ok pirut chichi
" " " "	aku ok pirut an
" " " "	aku hi ba beredn pa
batata doce (Ipomoea batatas)	wechik
" qualidade amarela	wechik pakpak
" doce qualidade meio roxa	wechik tuitui
" " " branca	wechik ririt
" " (pintada por dentro)	wechik piri pararak
cacau (Theobroma cacao)	wadye
" manso, plantado	wadye
" silvestre (às vezes plantado)	wadye buruburu — pa

" " (" " ")	wadye akarap pa
café (Coffea)	kape (ip)
cajú (Anacardium esp)	murese; muroso
" qualidade branco	murese ririt ta
" " vermelho	murese pakpak hat ta
" " do campo	murese krau
cana (Saccharum officinarum)	kanya
cará (Dioscorea)	awai; puira
" qualidade, dentro metade rôxo, metade branca	awai kurep (ta)
" qualidade meio escura	awai pugnpuga (ta)
" " meio escura	awai ruirui
" " pretinha, pequena (põe na manicuera)	awai tutu
" " ("parece mão de gente")	awai panatyat
" " "bola grande"	awai puira chik a a
" " fino comprido, branco	awai puira brechidn (puira beredn; puira ririt)
" " de entresaca vermelha	awai puira ara be pak
" " grande, cará-assu	awai puira
" " vermelho	awai puira pakpak
" " redondo, vermelho e branco	awai-ra
cuia (Crescentia)	ua e; wa e
curauá (Bromeliacea)	ipara he
fava; feijão (Phaseolus esp.) grande	feijáu; wetoi
" " pequeno	wetoi anan
" " comum (pequeno de fava comprida)	hadyorõ
genipapo (Genipa americana)	warem ap (a)
jerimun (Cucurbita)	yurumú (a)
ingá (Inga)	chiriri
jamarú (Cucurbita; Lagenaria	

Vulgaris)	uai a; wai a
laranja (Citrus)	yarai ip
limão (Citrus)	brimão, brimáu, brimáu
macaxeira (Manihot esp. (Palmata ?)	makachi
macaxeira qualidade branca	makachi tartitat
" " amarela	makachi potpot
mamão (Carica papaya)	asáu a
" rôxo	asáu rom rom (asáu rem rem)
manga (Mangifera Indica)	miga, máka
manicuera (Manihot, esp.?)	maso; manikue
" qualidade roxa na folha	maso
" qualidade branca na folha	maso yubritat
maniva (Manihot utilissima)	masok
" qualidade amarela	masok pekpek
" " de folha meio rôxa	masok tchukumai
" " de folha grande	masok yairipuyen
" " de folha mesmo roxa (paraiso)	masok paraisu
" " branca	masok tatya ûm ûm at
" " de folha miuda	masok anan
melancia (Citrullus vulgaris), carne vermelha	barâchi, burâsi-a
melancia qualidade de carne branca	barâchi a biu chep nyen a a
melancia qualidade pequena	barâchi an an a
" " de carne rôxa	barâchi rem rem a
milho (Zea mays)	mura, mora
" de bago duro	mora tyatya (ra)

" de bago mole	mora tya am am (ta): mora hat
mudubi, amendoim (Arachis hypogaea)	wenambone
pimenta (Capsicum)	achi (a)
" qualidade pimentão	achi chichi (a)
" " cheirosa	achirew
" " malagueta	chi kxi (a)
" " redonda	achi kurêtanyem (a)
tabaco (Nicotiana tabacum)	he; e
tajá (Araceae esp.) qualidade do mato, plantado	porhrit
tajá qualidade de cobra	kurudyodyut
timbó (Paullinia ? Serjania ?)	aí ok, aí ok papa
urucú (Bixa Orellana)	tyuhu (a)

BIBLIOGRAFIA

BATES, HENRY WALTER, 1944 — O Naturalista no Rio Amazonas. *Ed. Nacional. Série Brasiliana*, V. 237-237 A. *São Paulo.*

CALDEIRA, CLÓVIS, 1956 — Mutirão; formas de ajuda mútua no meio rural. *Ed. Nacional. Série Brasiliana*, V. 289, *São Paulo.*

HORTON, DONALD, 1948 — The Munduruca. *In Handbook of South American Indians, vol. III: 271-282. Ed. Julian Steward, Smithsonian Inst. B.A. E. Bull. 143, Washington.*

MARTIUS, KARL F. P. VON, 1867 — Beitraege zur Ethnographie und Sprachenkunde Südamerika's zumal Brasiliens. Bd. 1, *Leipzig.*

MONTEIRO BARNA, ANTÔNIO LADISLAU, 1843 — Observações ou notas illustrativas dos três capítulos da parte segunda do Thesouro descoberto no Rio Amazonas. *Rev. Inst. Hist. Geogr. Braz., vol. 19, Rio de Janeiro.*

MURPHY, ROBERTO E YOLANDA, 1954 — As condições atuais dos Mundurucú. *Inst. Antr. Etnogr. do Pará. Pub. n.º 8, Belém.*

WAGLEY, CHARLES, 1949 — The Tenetehara Indians of Brazil. *Columbia Univ. Press. New York.*

1957 — Uma comunidade amazônica (Trad. Clotilde S. Costa). *Ed. Nacional, Série Brasiliana*, V. 298, *São Paulo.*

WAGLEY, CHARLES E E. GALVÃO, 1948 — The Tenetehara. *In Handbook of South American Indians, vol. III: 137-148, Ed. Julian Steward, Smithsonian Inst. B: A. E. Bull. 143, Washington.*